

{} . . . Quilombos em Oriximiná - Negros da Floresta . . . {}

Carlos Penteadó



◁ . . . Quilombos em Oriximiná - Negros da Floresta . . . ▷

Carlos Penteadó



A existência de quilombos no noroeste do Estado do Pará, em plena Floresta Amazônica, tem um quê de mistério: escravos na Amazônia? Quilombos no século 21?

O trabalho do fotógrafo Carlos Penteadó busca desvendar o mistério, revelando por meio das fotos quem são, onde e como vivem os quilombolas de Oriximiná.

O projeto de documentação fotográfica, patrocinado pela Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO) e pela Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP), tem como objetivo registrar e apresentar esta realidade dentro e fora do universo quilombola.

A iniciativa atende, primeiro, ao desejo dos próprios quilombolas de construção de uma memória visual para as futuras gerações. Desta forma, o resultado do registro fotográfico está-se transformando numa exposição permanente na sede da ARQMO.

A documentação tem como alvo também o público externo, a grande maioria da população brasileira, que desconhece a existência das comunidades quilombolas.

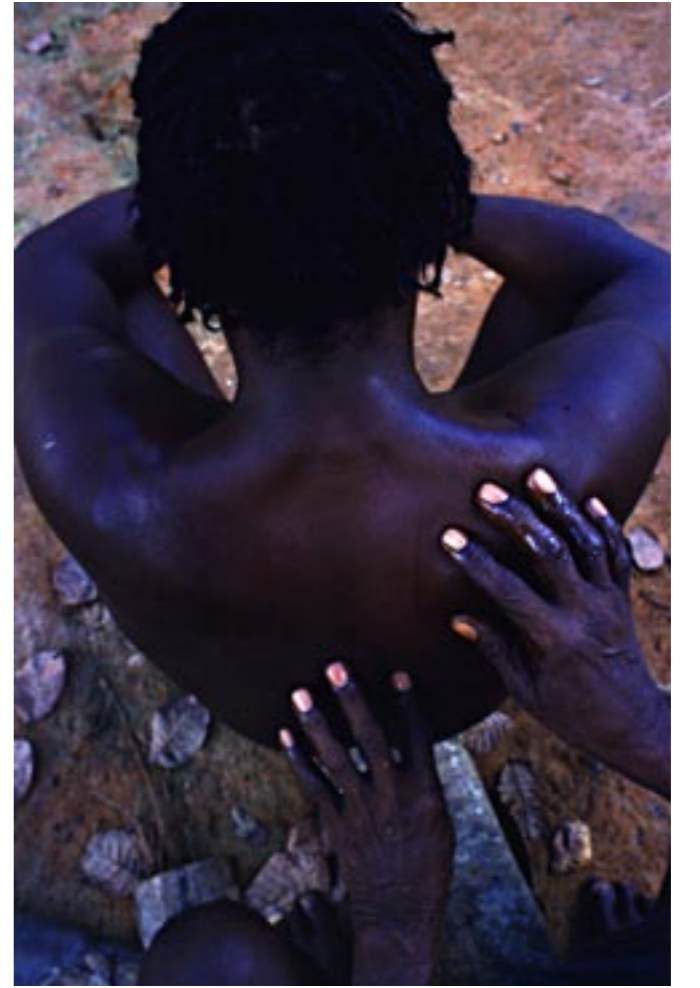
O registro procura tornar visível um desses grupos étnicos que se encontram por todo o território brasileiro.

Visa lembrar e evidenciar que o Brasil é um país pluriétnico, onde se busca ainda a construção de uma cidadania multicultural, que assegure aos grupos étnicos o direito de participar com igualdade por meio de mecanismos que reconheçam e respeitem suas especificidades sem os aprisionar em uma uniformidade estranha a sua identidade.

A exposição Quilombos em Oriximiná - Negros da Floresta cumpre assim o objetivo de tornar mais conhecida a realidade dos homens e das mulheres quilombolas de Oriximiná.

Lúcia Mendonça Morato de Andrade
Comissão Pró-Índio de São Paulo





Como chegaram lá? De onde vieram?

As comunidades remanescentes de quilombos de Oriximiná são constituídas pelos descendentes de escravos que, no século 19, fugiram das fazendas e das propriedades dos senhores de Óbidos, Santarém, Alenquer e mesmo de Belém.

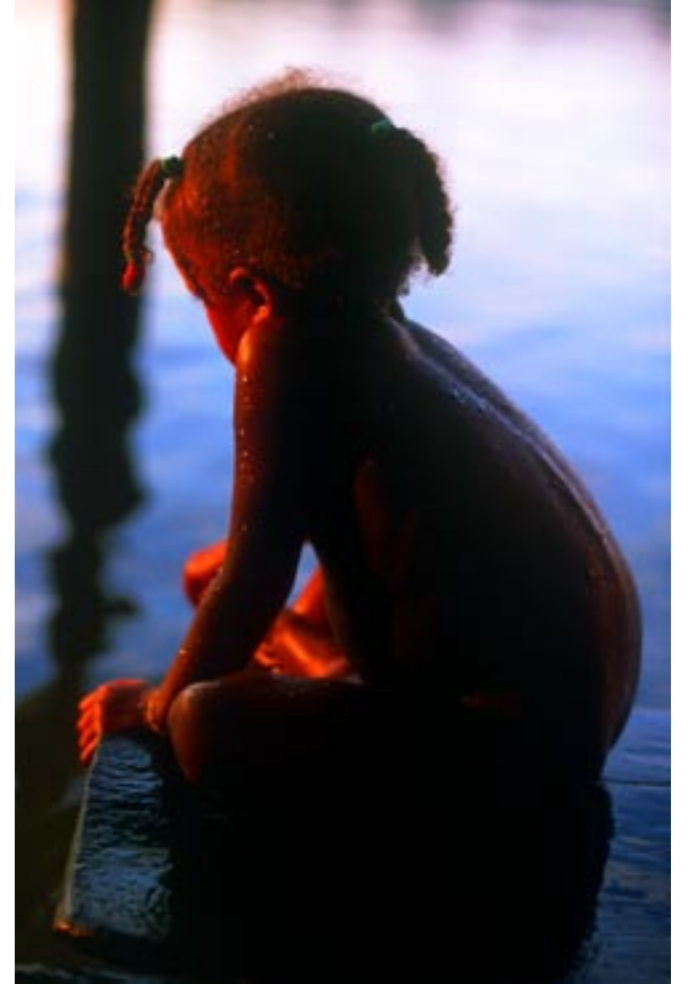
Na Amazônia, a escravidão negra não foi tão expressiva em termos quantitativos quanto nas regiões açucareiras, mineradoras ou cafeeiras. Todavia, mesmo dividindo o mundo do trabalho com o indígena, o negro constituiu parcela significativa da mão-de-obra, especialmente na agropecuária, nos serviços domésticos e nas atividades urbanas.

Os escravos africanos foram trazidos ao Baixo Amazonas para servir de mão-de-obra nas fazendas de gado e cacau de Óbidos e Santarém a partir da segunda metade do século 18. Os historiadores acreditam que grande parte desses negros pertencia à etnia Bantu e procedia da Região Congo-Angolana.

Através da resistência guerreira e do aprendizado de formas eficazes de exploração da floresta, os negros construíram uma nova vida nos quilombos.

Nesses territórios, suportes da vida liberta, permaneceram mesmo após a abolição oficial da escravidão. E lá se encontram até hoje.





Quantos são? Onde estão?

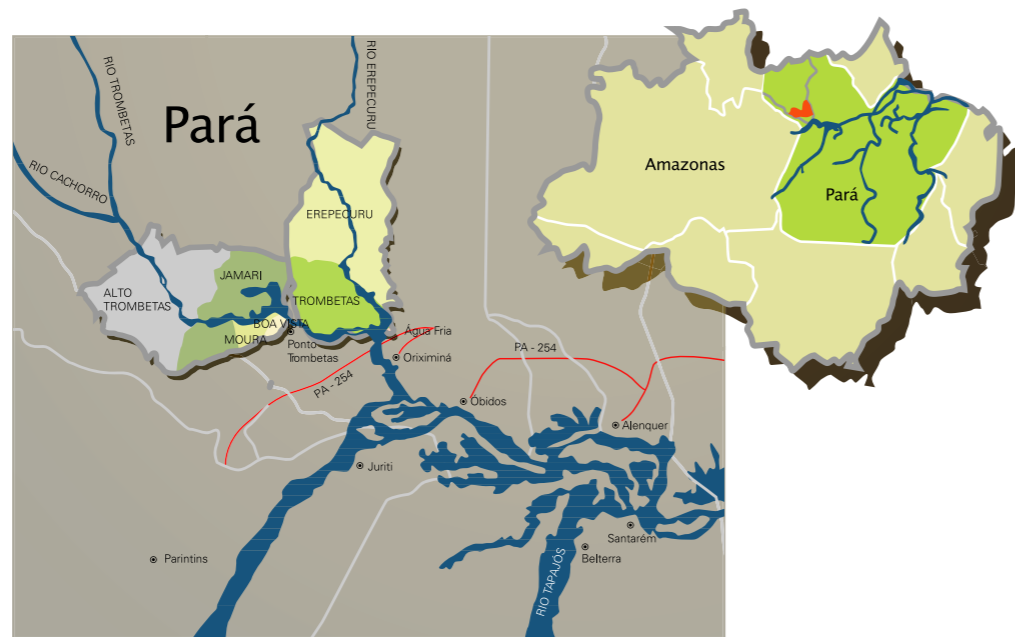
Atualmente, com uma população de cerca de 6.000 pessoas, os quilombolas de Oriximiná estão organizados em 28 comunidades rurais, distribuídas por sete territórios, constituídos por grandes extensões da Floresta Amazônica ainda muito preservadas, que somam mais de 665 mil hectares.

Desde 1988, a Constituição Federal garante aos descendentes dos quilombos a propriedade de suas terras. Foi em Oriximiná que, pela primeira vez, tal direito tornou-se realidade com a titulação das terras da Comunidade Boa Vista, no ano de 1995.

Hoje, 21 das 28 comunidades quilombolas de Oriximiná já têm a propriedade de suas terras reconhecida. São mais de 361.000 hectares titulados de forma coletiva.



- BOA VISTA
- ÁGUA FRIA
- TROMBETAS
- EREPECURU
- ALTO TROMBETAS
- JAMARI/
ÚLTIMO QUILOMBO
- MOURA



Como vivem?



O povo do quilombo é um povo alegre, que gosta de música e de dança. O canto está sempre presente no cotidiano e nas festas.

As chamadas festas tradicionais são resultado de muitas influências: negra, indígena e católica. Assim, por exemplo, temos o Aiuê de São Benedito na Comunidade do Jauari. A palavra aiuê significa festa em kimbundo.

Realizada em 6 de janeiro, a festa é uma homenagem ao padroeiro da Comunidade do Jauari, São Benedito. Na festa, a comunidade saúda o santo e as riquezas obtidas durante o ano. A fartura está simbolizada no mastro levantado para a festa, onde são amarrados diversos produtos da região.

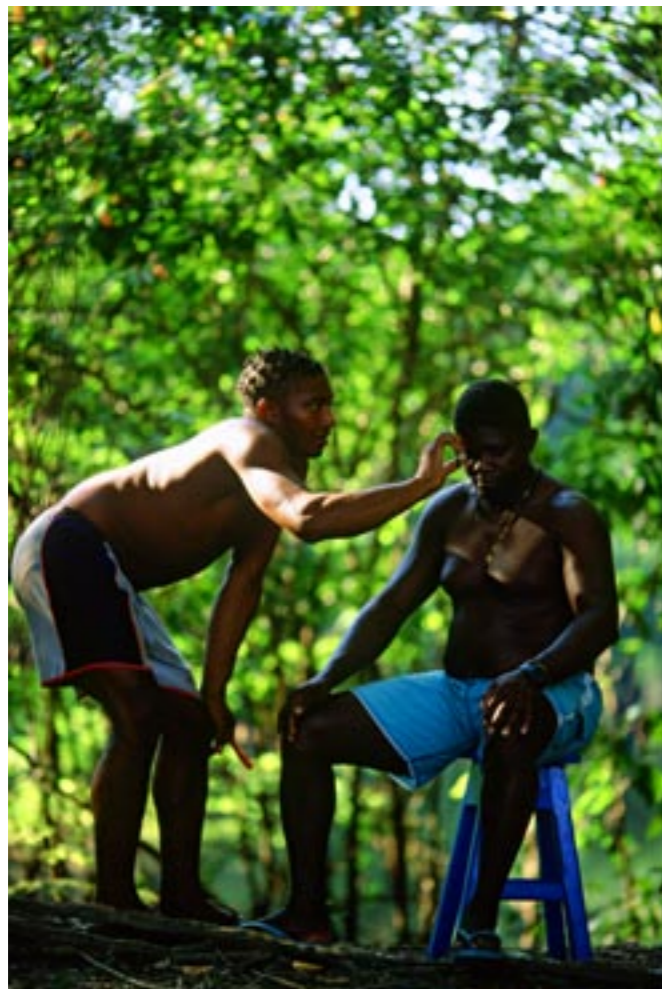
A fartura é garantida por meio de um sistema produtivo que combina a agricultura, a caça e a pesca de subsistência com o extrativismo para o comércio.

O sistema econômico dos quilombos de Oriximiná, com grande ênfase no extrativismo, caracteriza-se pelo uso sustentado dos recursos naturais e vem sendo perpetuado de geração em geração.











Conquistas, lutas e sonhos

Com as conquistas das primeiras titulações, os quilombolas de Oriximiná puderam planejar com segurança o uso das riquezas naturais de seus territórios.

O desafio que se coloca é o de conseguir melhores condições de vida e o aumento da renda pelo manejo sustentado dos territórios.

Para enfrentar tal desafio, a ARQMO, juntamente com a CPI-SP, desenvolve o Projeto Manejo dos Territórios Quilombolas.

O projeto conta com o apoio financeiro da União Européia e da ICCO e atua em muitas frentes: educação ambiental, defesa dos territórios, capacitação, introdução de técnicas agrícolas sustentáveis e ampliação das oportunidades para as mulheres quilombolas.

Uma das ações prioritárias do projeto é a organização de sistemas comunitários de exploração da castanha-do-pará, produto abundante nas matas da região.

A coleta da castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*) remonta ao século 19 e faz parte da tradição dos quilombolas de Oriximiná. Mesmo na vigência da escravidão, a coleta da castanha-do-pará pelos negros fugitivos visava não apenas ao consumo, mas também à comercialização no mercado regional.

Os sistemas comunitários visam superar as dificuldades enfrentadas pelos quilombolas para transportar a castanha pelas grandes distâncias que separam os locais de coleta dos centros de comercialização do produto. A união dos extrativistas permite também a comercialização de maiores quantidades de castanha com melhores condições de venda do produto, aumentando a renda gerada por esta atividade econômica.

Atualmente, 226 homens e mulheres quilombolas, oriundos de 20 comunidades, já participam do sistema comunitário da castanha. A partir da safra de 2005, serão 26 as comunidades integradas ao sistema comunitário e o número de participantes deverá chegar a 400.

Graças ao Projeto Manejo, os quilombolas contam hoje com infra-estrutura para o transporte e o armazenamento da castanha e com ferramentas de gerenciamento especialmente desenhadas para a administração dos sistemas comunitários.

Para saber mais sobre o Projeto Manejo dos Territórios Quilombolas, consulte

www.quilombo.org.br







Carlos Penteado é fotógrafo desde 1984.

Em 2001 iniciou o projeto de documentação da vida, da cultura e do meio ambiente das comunidades negras descendentes dos quilombos de Oriximiná tendo realizado cinco expedições para a região.

Em 2004, fotos deste trabalho foram selecionadas para exposição pelo Premio Porto Seguro Fotografia 2004.

carlospenteado@hotmail.com



